

A ARTE MIMETIZA A NATUREZA

Marina Leonhardt Palmieri¹

RESUMO

A afirmação aristotélica segundo a qual “a arte, *hē tékhnē* (ἡ τέχνη), mimetiza *mimēita* (μιμείται) a natureza, *tēn phýsin* (τὴν φύσιν)” ocorre três vezes no que nos restou da obra do estagirita, duas das quais em *Physica* II, a outra em *Meteorológica* IV. Se considerarmos o *De Mundo* e certos trechos do *Protrepticus* de Jâmblico como de autoria de Aristóteles, acrescentaríamos mais três ou quatro ocorrências às demais, dependendo da edição dos fragmentos do *Protrepticus*. Neste artigo visamos elucidar o sentido da sentença “a arte mimetiza a natureza”, através de traduções das passagens nas quais tal sentença é apresentada em *Physica* II, e de comentários à luz dos conceitos de arte, *tékhnē* (τέχνη), e de natureza, *phýsis* (φύσις), expostos em *Physica* I e II. O termo central da supracitada oração aristotélica é o verbo *mimetizar*, *miméomai* (μιμέομαι), para o qual atribuímos um sentido que abarca o emulativo e o simulatório.

Palavras-chave: arte, *mímēsis*, natureza, Aristóteles, *Physica*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A afirmação aristotélica segundo a qual “a arte mimetiza a natureza, *hē tékhnē mimēitai tēn phýsin*² (ἡ τέχνη μιμείται τὴν φύσιν)” ocorre três vezes no que nos restou da obra do estagirita, duas das quais em *Physica*³ II, a outra em *Meteorológica* IV. Se considerarmos o *De Mundo* e certos trechos do *Protrepticus* de Jâmblico como de autoria de Aristóteles, acrescentaríamos mais três ocorrências às demais, ou quatro, dependendo da edição dos fragmentos do *Protrepticus*.

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Esta pesquisa, desenvolvida durante a graduação em Letras pela UFMG, orientada pelo prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão, foi desenvolvida no âmbito de um projeto de Iniciação Científica, intitulado *A mímesis em Aristóteles*, fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: palmieri.marina@gmail.com

² Para as transliterações dos termos gregos utilizamos como referência ARAÚJO (2008, p. 171-173).

³ Citaremos os nomes das obras de Aristóteles em latim, tal como são convencionalmente mencionados.

Por ora deter-nos-emos nas ocorrências presentes na *Physica* e em seus contextos. Julgamos ser conveniente, para iniciar a busca pelo entendimento de tal afirmação, partir desta obra que especula acerca da natureza, a *phýsis* (ἡ φύσις), e que bem demarca as semelhanças e diferenças existentes entre os entes naturais e os entes produzidos (ou artefatos). Conduziremos nossa investigação propondo algumas questões e sugerindo-lhes possíveis respostas.

Em que sentido a arte mimetiza a natureza? Para responder a esta questão central da presente investigação, seria adequado inicialmente elucidar o que é a mimese, *mímēsis* (μίμησις), segundo Aristóteles, a fim de melhor entender o significado que o verbo *miméomai* (μιμέομαι), por nós traduzido como *mimetizar*⁴, adquire em seu uso pelo filósofo.

A *mímēsis* (μίμησις), vocábulo por nós traduzido como *mimese*⁵, na *Poética* é a princípio o critério que, por um lado, une em um único conjunto os elementos que são frutos tanto das artes poético-performáticas (a epopeia, a tragédia, a comédia, a poesia ditirâmbica, o *nómos* e a dança), como das musicais (a maior parte da aulética e da citarística, a siríngica e outras afins) e das visuais (que retratam com cores e figuras, quais sejam, a pintura e a escultura). Por outro lado, a mimese é o critério separador, pois tais elementos se diferenciam porque mimetizam: “através de meios diversos”, *ē tōi en hetérois* (ἢ τῷ ἐν ἑτέροις); “ou através de objetos diversos”, *ē tōi hétera* (ἢ τῷ ἕτερα); “ou diversamente e não através do mesmo modo”, *ē tōi hetérōs kai mē tòn auton trópon* (ἢ τῷ ἑτέρως καὶ μὴ τὸν αὐτὸν τρόπον)⁶.

O critério do meio é constituído pelo ritmo, *rhythmós* (ῥυθμός); pelo verbo ou (pela) linguagem, *lógos* (λόγος); e pela harmonia, *harmonía* (ἁρμονία), que são utilizados separados ou conjuntamente. Por exemplo, os elementos que são frutos das artes musicais mimetizam através do ritmo e da harmonia; através do ritmo e sem harmonia mimetiza a arte dos dançarinos, pois estes, mediante ritmos

⁴ A escolha pela tradução do verbo “miméomai” por *mimetizar*, opção particular nossa, não é apenas uma marcação. A tradução tradicional por *imitar* parece basear-se na tradução latina do termo por *imitator, atus sum*. No Latim, ao que tudo indica, não há outro termo que corresponda a “miméomai”, mas em Português temos o correspondente direto *mimetizar*, que etimologicamente provém do vocábulo grego.

⁵ A mesma observação vale para a nossa tradução de “mímēsis” por *mimese*. A tradicional tradução por *imitação* baseia-se na tradução latina do termo por *imitatio*.

⁶Cf. *Poet.* 1447a 13-23.

gesticulados, mimetizam caracteres, *ēthē* (ἦθη); acometimentos, *páthē* (πάθη), e ações, *práxeis* (πράξεις). A epopeia, por sua vez, é um exemplo de arte que mimetiza somente através da linguagem, quer metrificada, quer não. Tanto a poesia ditirâmbica e o *nómos*, quanto a tragédia e a comédia, se utilizam do ritmo, *rhythμός* (ῥυθμός); da melodia, *mélos* (μέλος) e do metro, *métron* (μέτρον). Contudo, tais elementos frutos das artes poético-performáticas se diferem pelo fato de os dois primeiros, a poesia ditirâmbica e o *nómos*, servirem-se juntamente destes três meios – ritmo, melodia e metro – ao passo que a tragédia e a comédia servem-se deles por partes.

O critério do objeto consiste na mimese de agentes, *práttontas* (πράττοντας) “sejam melhores do que nós, piores ou tais quais somos” (*Poet.* 1448a 2-18, tradução nossa), uma vez que aqueles que mimetizam, de acordo com o estagirita, mimetizam homens que praticam alguma ação e, necessariamente, estes são indivíduos de elevada ou de baixa índole, “pois quanto aos caracteres todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude” (*Poet.* 1448a 3-4, tradução nossa). O fundador do Liceu afirma poder existir tal critério distintivo em todas as referidas artes – inclusive na dança, na aulética e na citarística – de modo que cada uma das artes há de assim variar na mimese através de objetos diversos. Homero é um exemplo de quem mimetizou homens superiores. No que tange à pintura, Aristóteles dá os seguintes exemplos: Polignoto pintava os homens como superiores; Pauson, inferiores; Dionísio pintava-os semelhantes a nós. E a mesma diferença, conforme assere, em *Poética* 1448a 16-18, o filósofo peripatético de Estagira, separa a tragédia da comédia, pois esta intenta mimetizar homens piores, e aquela, homens melhores do que ordinariamente são.

O critério do modo distingue a narrativa, *apaggelía* (ἀπαγγελία) do drama, *drama* (δρᾶμα). Na primeira o poeta “ou de certo modo vem a ser um outro, como faz Homero, ou como si próprio vem a ser não mudando” (*Poet.* 1448a 21-23, tradução nossa), ao passo que no drama “todos os mimetizados estão como agentes e efetivam uma ação” (*Poet.* 1448a 23-24, tradução nossa). Segundo Aristóteles, a mimese pode ocorrer com os mesmos meios e sobre os mesmos objetos, tanto na narrativa quanto no drama, sendo apenas o modo, neste caso, o critério distintivo. A mimese como critério distintivo, comparativo ou até mesmo

associativo, apresenta-se, portanto, nas diferenças com relação aos meios, aos objetos e ao modo através dos quais as obras de arte mimetizam. Em certo sentido, com relação ao objeto, a mimese de Sófocles é a mesma que a de Homero, pois ambos mimetizam pessoas de caráter elevado. Em outro sentido, com relação ao modo, a mimese de Sófocles é a mesma que a de Aristófanes, uma vez que ambos mimetizam agentes que praticam diretamente uma ação⁷. Porém, fato é que a concepção de *mímēsis* (μίμησις) em Aristóteles supera o quadro restrito das obras de arte no sentido poético-performático, musical e visual, estendendo sua aplicação às artes que chamaríamos de técnicas⁸.

Convém agora problematizar sobre o que mimetiza aquilo que mimetiza, ou seja, cabe então perguntarmos: aquilo que mimetiza mimetiza o quê? Retomaremos, a fim de elucidar aquilo sobre o que incide o mimetizar, uma passagem do vigésimo quinto capítulo da *Poética*, em que Aristóteles, o filósofo peripatético de Estagira, explicita o seguinte:

Visto que o poeta é mimetizador assim como o seria o pintor ou qualquer outro produtor de símiles, necessariamente o mimetizar [incidirá]⁹ sempre em um certo elemento destes três conjuntos: coisas como, efetivamente, eram ou são; ou como dizem ser e parecem; ou como devem ser. (*Poet.* XXV 1460b 8-11, tradução nossa.)

Segundo a proposição “a arte mimetiza a natureza”, o mimetizar da arte incide sobre a natureza, esta, por sua vez, corresponderia a um elemento do primeiro conjunto exposto por Aristóteles na supracitada passagem, ou seja, os entes naturais corresponderiam necessariamente às coisas que eram ou são. Mas o que de fato são os entes naturais? O filósofo de Estagira, em *Physica* II, 1, define os entes naturais por oposição aos entes produzidos. Os entes naturais, que existem por natureza, são os animais e suas partes; as plantas e os corpos simples (terra, fogo,

⁷Cf. *Poet.* 1448a 25-28.

⁸ Convém aqui notar que o termo *técnica* em português provém etimologicamente da palavra grega τέχνη (*tékhnē*), que temos traduzido por *arte*. A palavra *técnica* em português adquiriu um sentido especializado de *conjunto de procedimentos, de processos (ou ainda a parte material) de uma arte ou ciência; destreza e perícia*, sentidos que não se referem diretamente aos elementos frutos das artes poético-performáticas, musicais e visuais.

⁹Inseriremos entre colchetes em nossas traduções todos os termos em português para os quais não há correspondentes diretos no original em grego. Tais termos inseridos fazem parte de nossa interpretação e, a nosso ver, auxiliam na compreensão da tradução das passagens em questão.

ar e água). Tais entes possuem um princípio de movimento e de repouso em si mesmos e segundo si mesmos, seja conforme o lugar, o crescimento e o definhamento ou de acordo com a alteração. Tudo aquilo que existe por natureza tem impulso conato de movimento; todavia, os entes produzidos, que existem através da arte, não o possuem, mas apenas detêm um impulso de movimento concomitante ao impulso conato do elemento ou dos elementos do qual ou dos quais são constituídos. Além disso, os entes que existem a partir da arte não têm em si mesmos o princípio da produção, tal princípio existe em seus produtores, nos artífices que os produzem.

A metodologia de Aristóteles, isto é, o seu procedimento investigativo mais usual, consiste em partir do que é mais claro e cognoscível para nós em direção ao que é mais claro e cognoscível por natureza. Os entes produzidos, segundo o estagirita, são mais claros e cognoscíveis para nós, por isso são usados como termo de comparação para explicar os entes naturais, que são mais claros e cognoscíveis por natureza. Surge então outra questão de suma importância: o que é propriamente a natureza segundo o filósofo fundador do Liceu?

2 A NATUREZA, HĒ PHÝSIS (ΦΥΣΙΣ), SEGUNDO ARISTÓTELES

De acordo com o filósofo peripatético de Estagira, “supomos conhecer cada coisa quando conhecemos as primeiras causas, os primeiros princípios e até mesmo os elementos” (*Phys. I, 1 184a 12-14*, tradução nossa). Por conseguinte, prosseguiremos nossa investigação com o exame do que é dito ser cada um desses (primeiros princípios, primeiras causas e elementos) para caminhar em direção à resposta à questão sobre o que é a natureza para Aristóteles, seguindo um método do próprio filósofo, a fim de entendermos em que sentido a arte mimetiza a natureza na concepção aristotélica.

2.1 OS ELEMENTOS, TA STOIKHEIA (ΤΑΣΤΟΙΧΕΙΑ)

Os elementos da natureza, em certo sentido, de acordo com o estagirita, são: ar, água, terra e fogo, mas há também o éter do qual são constituídos os corpos celestes e tudo quanto existe nas esferas supralunares.

2.2 OS PRIMEIROS PRINCÍPIOS, HAI ARKHAI PRŌTAI (ΑΙΑΡΧΑΙΑΙΠΡŌΤΑΙ)

Na natureza, de acordo com Aristóteles, os primeiros princípios são três: um par que se opõe, ou seja, dois opostos, e um subjacente. Segundo o filósofo, todos os físicos ou estudiosos da natureza – os por ele assim chamados *hoi physikoi* ou *hoi peri phýseōs* (οἱ φυσικοί ou οἱ περὶ φύσεως), convencionalmente denominados *pré-socráticos* – consentem que o vir a ser a partir de não entes é impossível¹⁰. Além disso, ainda de acordo com o estagirita, “é claro que todos, de alguma maneira, fazem os opostos serem princípios” (*Phys.* I, 4, 188a 26-27, tradução nossa). Aristóteles afirma, na sequência, que todas as coisas vêm a ser a partir de seus opostos e que se corrompem nos próprios opostos, e então conclui da seguinte maneira:

Por conseguinte, se isso é verdadeiro, tudo aquilo que vem a ser viria a ser e [tudo aquilo] que se corrompe se corromperia a partir dos opostos ou em direção aos opostos e existem os intermediários destes. Os intermediários, por sua vez, existem a partir dos opostos, como as cores existem a partir do branco e do preto; de modo que todas as coisas que vêm a ser por natureza são opostas ou existem a partir de opostos. (*Phys.* I, 5, 188b 21-25, tradução nossa)

Para afirmar a existência de um terceiro princípio, o fundador do Liceu expõe o argumento segundo o qual os princípios não poderiam ser somente dois, uma vez que os opostos necessariamente atuam sobre um terceiro distinto deles, um terceiro que padece as oposições. Além disso, o filósofo afirma que “deve sempre subjazer algo àquilo que vem a ser, e isto, ainda que seja um pelo número, pela

¹⁰ “τὸ μὲν ἐκ μὴ ὄντων γίνεσθαι ἀδύνατον (περὶ γὰρ ταύτης ὁμογνωμονοῦσι τῆς δόξης ἅπαντες οἱ περὶ φύσεως)” (*Phys.*, I, 4, 187a 34,35).

forma, porém, certamente não será um; pois digo ser pela forma o mesmo que pelo conceito” (*Phys. I, 7, 190a 14-17*, tradução nossa). Dando continuidade ao argumento de que os princípios são três, Aristóteles aponta uma analogia presente entre a natureza e a arte ao afirmar a existência de um subjacente tanto nos entes naturais e nas essências como nas coisas que vêm a ser através da arte:

Aos que especulam viria a ser manifesto que também as essências e quantos [outros] entes que existem absolutamente vêm a ser a partir de certo subjacente. Pois sempre há o que subjaz, a partir do que [surge] o que vem a ser, por exemplo: as plantas e os animais [surgem] a partir da semente. Em suma, das coisas que vêm a ser absolutamente, umas vêm a ser por transfiguração, como as estátuas; outras, por adição, como o que cresce; outras, por subtração, como a partir da pedra o Hermes; outras ainda, por composição, como uma casa; e outras, por alteração, como o que é modificado segundo a matéria. Mas é manifesto que tudo que vem a ser deste modo surge a partir de opostos. Assim, é claro, a partir do que foi dito, que tudo aquilo que vem a ser sempre é composto, e, por um lado, existe algo que vem a ser, por outro lado, existe o que é que isso vem a ser, e isso é duplo: pois é um subjacente ou um contrário. Demais, digo, por um lado, ser contrário o inculto, por outro lado, [digo] subjazer o ser humano, e, por um lado, [digo serem contrários] a desfiguração, a amorfia e a desordem, por outro lado, o subjacente [digo ser] o bronze, a pedra ou o ouro. (*Phys. I, 7, 190b 1-16*, tradução nossa)

Em várias outras passagens ao longo da *Physica*, o filósofo também associa o subjacente à matéria, *hē hýlē* (ἡ ὕλη), e até mesmo afirma o primeiro subjacente a cada coisa ser a matéria: “pois digo ser matéria o primeiro subjacente a cada coisa, a partir do qual vem a ser algo que é imanente não segundo a concomitância” (*Phys. I, 9, 192a 31-32*, tradução nossa). A essência, *hē ousía* (ἡ οὐσία), também é associada ao subjacente em outras tantas passagens dessa obra, em *Physica I, 7, 191a 7-11*, por exemplo, o filósofo afirma que a relação da natureza subjacente com a essência, com *um certo isto*, *to tóde ti* (τὸ τóδε τι), e com o ente, *to ón*, (τὸ ὄν) é análoga à relação existente do bronze com a estátua e da madeira com a cama.

Então é manifesto, a partir do que foi exposto, que os primeiros princípios da natureza são forma, *eidos* (εἶδος), e matéria, *hýlē* (ὕλη). Por um lado, forma pelo conceito, como um oposto, enquanto efetividade, *entelékheia*

(έντελέχεια)¹¹. Por outro lado, matéria pela essência, como um subjacente, enquanto potência, *dýnamis* (δύναμις). Está aqui delineado o contexto em que surge na *Physica* a primeira ocorrência da sentença segundo a qual a arte mimetiza a natureza:

Visto que a natureza existe duplamente, [isto é, como] forma e matéria, assim, devemos teorizar como se especulássemos sobre o que é a aduncidade, por conseguinte, não sem a matéria, nem [exclusivamente] segundo a matéria. Com efeito, inclusive a respeito disso alguém poderia chegar a uma aporia acerca de qual das duas [, forma ou matéria,] caberia ao físico [teorizar], visto serem duas as naturezas. Ou seria acerca do que existe a partir de ambas? Mas, se for acerca do que existe a partir de ambas, também será acerca de cada uma. Então a qual destas duas caberia explicar cada [natureza:] à mesma [ciência] ou à outra distinta? Certamente, por um lado, ao que observa os antigos [a ciência] pareceria ser da matéria (pois apenas em certo aspecto Empédocles e Demócrito apreenderam a forma e o quê era para ser); por outro lado, se a arte mimetiza a natureza, cabe à mesma ciência, até certo ponto, entender a forma e a matéria (por exemplo: cabe ao médico [entender] da saúde, da bile e da fleuma, nas quais está a saúde, e igualmente o construtor de casas com relação à forma da casa e à matéria, que é tijolos e madeira; da mesma maneira também no que concerne aos outros), e à Física caberia a explicação de ambas as naturezas. (*Phys. II, 2, 194a 12-27*, tradução nossa)

Curiosamente a arte é apresentada na supracitada passagem para elucidar as questões colocadas acerca da ciência da natureza. Tal como vimos anteriormente, o princípio metodológico aristotélico consiste em partir do que é mais cognoscível e mais claro para nós em direção ao que é mais claro e mais cognoscível por natureza¹².

Retomemos então nossa questão inicial: em que sentido a arte mimetiza a natureza? Conforme o supracitado trecho, tendo em vista que a natureza é forma e matéria, *eidos kai hýlē* (εἶδος καὶ ὕλη), a arte a mimetiza na medida em que é executada justamente através do entendimento da forma e da matéria por parte do artífice. O escultor, por exemplo, deve entender do mármore e da forma de Hermes para esculpir uma estátua do deus, assim também o produtor de vinho com relação

¹¹ Cf. *Physica II*, 1, 193b 6-7.

¹² Cf. *Physica*, I, 1.

às uvas e à forma do vinho e o construtor de barcos com relação à madeira e à forma do barco.

Portanto, neste aspecto, a arte mimetiza a natureza em sua realização, tanto no sentido emulativo - de uma imitação em que se busca igualar-se ao imitado – quanto no sentido simulatório – de uma imitação, reprodução ou representação do funcionamento de um processo (natural) por meio do funcionamento de outro (artificial). Vale também notar a existência de um ponto de divergência entre arte e natureza. Este ponto divergente é evidente sobretudo no resultado da realização de cada uma, ou seja, a diferença se faz claramente notar naquilo que surge a partir da arte e naquilo que surge por natureza. Mas como os entes naturais de fato se diferem daqueles que vêm a ser a partir da arte? A resposta a esta pergunta, já esboçada anteriormente por nós na tentativa de delinear a concepção aristotélica de entes naturais, prossegue no caminho em direção à compreensão do que é a natureza segundo Aristóteles, e se encontra explícita principalmente no primeiro capítulo do segundo livro da *Physica*:

Dos entes, uns existem por natureza, outros existem através de outras causas, por natureza são os seres vivos e suas partes, as plantas e os corpos simples, como a terra, o fogo, o ar e a água (pois afirmamos que essas e tais coisas existem por natureza), tudo isso se manifesta sendo diferente com relação ao que não é constituído por natureza. Pois cada um desses tem em si mesmo um princípio de movimento e repouso, uns segundo o lugar, outros segundo o crescimento e a corrupção, outros ainda segundo a alteração. Mas cama e manto, e se há algum outro gênero de tal tipo, enquanto calham ser de cada categoria e na medida em que existem por meio da arte, não têm nenhum impulso inato de mudança, porém, enquanto lhes acontece serem de pedra, de terra ou misturados a partir destes, o têm, e segundo a quantidade, como se a natureza, sendo essência, fosse um certo princípio e causa do mover-se e do repousar-se que subsistisse neles primeiramente segundo si próprios e não segundo a concomitância. (*Phys.*, II, 1, 192b 8-23, tradução nossa)

Logo, a diferença entre os entes naturais e aqueles que vêm a ser a partir da arte existe em razão de os entes por natureza terem em si mesmos um princípio de movimento e de repouso, além disso – conforme é explicitado no final do mesmo capítulo de que foi retirada a supracitada passagem, em *Physica* II, 1, 193b 8-

21 – um ser humano vem a ser a partir de um ser humano, mas não uma cama a partir de uma cama. Alguns dos entes naturais são ainda capazes de gerar outro ser igual a si próprios por terem o princípio da geração em si mesmos e não em outro fora de si, não como se dá no que é produzido pela arte, nos artefatos que possuem o princípio da produção no artífice.

Outro aspecto em que a arte mimetiza a natureza poderia ser por nós depreendido a partir da afirmação de que nos entes produzidos, apesar de não possuírem um princípio inato de mudança, subsiste certo princípio e causa de movimento e de repouso, na medida em que são constituídos por entes naturais que detêm tais princípios e que determinam o movimento daquilo de que são constituintes, ou seja, os entes que vêm a ser a partir da arte não têm impulso conato de movimento, mas o possuem concomitantemente àquele do elemento do qual é constituído. Por conseguinte, os artefatos mimetizariam o que vem a ser pela natureza no que concerne ao movimento. Essa mimese se daria no sentido de uma simulação.

Nosso objetivo é conhecer a natureza para de fato compreender em que sentido a arte a mimetiza. Tendo em vista que, segundo Aristóteles, “é claro que, no que se refere à ciência da natureza, deve-se primeiramente experimentar determinar as coisas que concernem aos princípios” (*Phys. I, 1, 184a 14-16*, tradução nossa), e uma vez que já discorremos acerca dos elementos e dos primeiros princípios, resta-nos, portanto, seguindo o método aristotélico, examinar as primeiras causas.

2.3 AS PRIMEIRAS CAUSAS, TA AÍTIA TA PRŌTA (ΤΑΑΙΤΙΑΤΑΠΡŌΤΑ)

Conforme expõe o fundador do Liceu, em *Physica II, 3*, a partir de 194b 23, as causas são quatro, convencionalmente as chamamos de *material*, *formal*, *eficiente* ou *motriz* e *final*. A *causa material* corresponde àquilo “que é imanente a partir do que algo vem a ser, tal como o bronze da estátua ou a prata da taça e os gêneros dessas coisas” (*Phys. II, 3, 194b 23-25*, tradução nossa). A *causa formal* é “a forma ou o paradigma, essa é o conceito do quê era para ser e seus gêneros” (*Phys.*

II, 3, 194b 26-28)¹³, e ela também é, segundo Aristóteles, as partes do conceito. A *causa formal* seria aquilo que faz algo ser o que é, definitivamente, não separada daquilo de que é causa a não ser pelo conceito, *tōi lógōi* (τῷ λόγῳ), tal como o ser representado pela estátua é para a estátua e a forma de um ser humano é para a definição de humano. A *causa eficiente*, também chamada de *causa motriz*, corresponde ao “princípio da primeira mudança ou do repouso, tal como aquele que deliberou [antes de praticar algo] é causa, [bem como] o pai, da criança, e, em geral, o produtor, do produzido [além de tudo] o que provoca a mudança, daquilo que é mudado” (*Phys.* II, 3, 194b 29-32, tradução nossa). A *causa final*, por sua vez, “é como um fim, isto é, o em vista de quê, como o caminhar [é em vista] da saúde: pois, por que caminha? Dizemos: ‘a fim de que tenha saúde’, e assim falando supomos dar a causa” (*Phys.* II, 3, 194b 32-35, tradução nossa). A *causa final*, de acordo com o filósofo peripatético de Estagira, corresponde ao que é o melhor para aquilo de que é causa, do mesmo modo que a finalidade da estátua seria ser exposta em praça pública e a do ser humano, a geração de outro humano. Em seguida é explicitado que o acaso, *hē týkhē* (ἡ τύχη), e o espontâneo, *to autómaton* (τὸ αὐτόματον), só poderiam ser causa por acidente.

O fundador do Liceu afirma serem “em vista de algo quantas coisas podem ser praticadas com o pensamento, bem como quantas existem por meio da natureza” (*Phys.* II, 5, 196b 21, 22, tradução nossa). O que vem a ser por natureza é dito necessariamente ocorrer sempre ou no mais das vezes, a natureza é o fim, *to télon* (τὸ τέλος), e causa como *em vista de algo*. Neste contexto teórico surge a outra passagem na *Physica* em que Aristóteles expõe a concepção segundo a qual a arte mimetiza a natureza:

Ademais, em quantos houver algum fim, em vista dele serão praticados o anterior e o sucessivo. Por isso, como é praticado, assim surge naturalmente, e como surge naturalmente, assim cada qual é praticado, caso algo não impeça. E é praticado em vista de algo; portanto, também surge naturalmente em vista de algo. Se uma casa, por exemplo, fosse algum dos que vem a ser por natureza, ela viria a ser da mesma maneira como é agora pela arte; e, se o que vem a ser por natureza viesse a ser não somente por

¹³ Tradução nossa. No original: “τὸ εἶδος καὶ τὸ παράδειγμα, τοῦτο δ' ἐστὶν ὁ λόγος ὁ τοῦ τί ἦν εἶναι καὶ τὰ τούτου γένη.”

natureza, mas também pela arte, viria a ser da mesma maneira pela qual naturalmente surge. Portanto, um é em vista do outro. Em geral, a arte, por um lado, finaliza o que a natureza é impotente para completar, por outro lado, [a arte] mimetiza [a natureza]. Se, então, o que é segundo a arte é em vista de algo, é claro que o que é segundo a natureza também é; pois igualmente estão uns para os outros – nos que existem segundo a arte e nos que existem segundo a natureza – os posteriores aos anteriores. (*Phys. II*, 8, 199a 8-20, tradução nossa)

O estagirita argumenta na sequência à supracitada passagem que tudo na natureza ocorre em vista de algo: a andorinha faz o ninho em vista de proteger os ovos e os filhotes, a aranha faz a teia para capturar as presas, as plantas fazem as folhas em vista dos frutos e as raízes para baixo e não para cima em vista da nutrição. Portanto, a arte mimetiza a natureza, neste sentido, em uma imitação simulatória, uma vez que também produz em vista de algo, reproduzindo o processo natural. Seguindo o raciocínio aristotélico, se a arte de construir um navio estivesse presente na madeira, por exemplo, o navio seria semelhantemente produzido pela natureza, pois na arte está presente o em vista de algo, tal como o está na natureza. Porém, a arte de construir um navio está no construtor do navio que a exerce emulativa e simulatoriamente, mimetizando a natureza – que é dupla, forma e matéria, e que existe em vista de algo – tanto através do entendimento da forma do barco e da matéria da madeira, quanto através da reprodução do processo natural de criação em vista de algo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de *Physica II*, 2, 194a 12-27, é a natureza que está em questão, a arte funciona como um paradigma para sua compreensão. É com base no exemplo da arte que o fundador do Liceu busca explicar sua concepção de natureza, qual seja, a de que ela é dupla, pois existe duplamente, uma vez que duas são as naturezas: forma e matéria. Segundo o estagirita, no que diz respeito à arte, que é mais cognoscível para nós, isso é evidente, mas não o é para a natureza, e tal binômio (matéria e forma) aplica-se indistintamente aos artefatos e aos entes naturais. No que concerne ao estudo da forma e da matéria, não haveria diferença

entre o físico, estudioso da natureza, e o médico ou o construtor de casas. É para corroborar essa tese que Aristóteles enuncia a sentença segundo a qual a arte mimetiza a natureza. Mas em quê a arte mimetiza a natureza parece estar mais claro na segunda ocorrência da sentença na *Physica*.

Em *Physica* II, 8, 199a 8-20, o que é idêntico para a natureza e para a arte é o fato de em ambas algo vir depois de algo – o sucessivo, do anterior – em vista de um fim. A arte ou é executada exatamente da mesma forma que a natureza faz proceder ou é executada da mesma forma que a natureza teria feito proceder, se tivesse podido e/ou se algo não tivesse impedido.

O significado de *miméomai* (μιμέομαι), verbo por nós traduzido como *mimetizar*, de fato parece ser o de *fazer a mesma coisa que, imitar, reproduzir, representar*, seja em sentido emulativo, seja em sentido simulatório. Através da proposição de que a arte mimetiza a natureza, em suas ocorrências na *Physica*, o filósofo estaria explicitando que a arte faz o mesmo que a natureza faz, seja no sentido de existir duplamente, enquanto matéria e forma, seja no sentido de existir em vista de algum fim em vista do qual são praticados o anterior e o sucessivo.

ABSTRACT

Aristotle's assertion that art, *hē tékhnē* (ἡ τέχνη), mimics, *mimeitai* (μιμεῖται), nature, *tēn phýsin* (τὴν φύσιν), occurs three times in what is left of the works of the philosopher of Stagirus, two of which in *Physica* II, the other in *Meteorologica* IV. If the work titled *De Mundo* and some parts of the Iamblichus' *Protrepticus* are considered to be written by Aristotle, we would add more three or four occurrences to the others, depending on the edition of the fragments of *Protrepticus*. In this paper, we aim to elucidate the meaning of the sentence *art mimics nature*, through translations of the passages in which this sentence is presented in *Physica* II, and through comments on the concepts of art, *tékhnē* (τέχνη), and nature, *phýsis* (φύσις), presented in *Physica* I and II. The central word in the above aristotelic sentence is the verb *mimic*, *miméomai* (μιμέομαι), to which we attribute a meaning that oscillates between emulation and simulation.

Keywords: art, *mímēsis*, nature, Aristotle, *Physica*.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Emanuel. Normalizações especiais. In: ____; *A Construção do Livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008. p. 171-173.
- ARISTOTE. *La Poétique*. Texte, traduction et notes par Roselyne Dupont-Roc e Jean Lallot. Paris: Seuil, 1980.
- ARISTÓTELES. *Metafísica: livro 1 e livro 2; Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- ARISTÓTELES. *Protréptico, Metafísica, Física, Acerca del Alma*. Estudio introductorio de Miguel Candel. Madrid: Gredos, 2011. (Biblioteca de Grandes Pensadores).
- ARISTÓTELES. *Física I e II*. Prefácio, introdução, tradução e comentários: Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- ARISTOTELIS. *De Arte Poetica Liber*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit Rudolfus Kassel. Oxford: Oxonii, 1965. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis).
- ARISTOTELIS. *Physica*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross. Oxford: Oxonii, 1950. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis).
- BAILLY, Anatole. *Le Grand Bailly: dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.
- BONITIZ, Hermann. *Index Aristotelicus*. Graz: Akademische Druck – U. Verlagsanstalt, 1955.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins; SARAIVA, Maria Olívia de Quadros; LAGE, Celina Figueiredo. *ELLHNIKA: introdução ao grego antigo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire de mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- CRESPO, Emílio; CONTI, Luz; MAQUIEIRA, Helena. *Sintaxis del Griego Clásico*. Madrid: Gredos, 2003.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DENNISTON, Jonh Dejar. *The Greek Particles*. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

FREIRE, Antônio. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LIDDEL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

ELSE, Gerald. F. "Imitation" in the Fifth Century. *Classical Philology*, Chicago, v. 53, n. 2, p. 73-90, April 1958.

SMITH, Herbert Weir. *Greek Grammar*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

SÖRBOM, Göran. The Classical Concept of Mimesis. In: SMITH, Paul; WILDE, Caroline (eds.) *A Companion to Art Theory*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2002, p. 19-28.

Disponível em:

<https://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/Content_store/Sample_chapter/9780631207627/001.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

SUÑOL, Viviana. La *mímesis* Aristotélica más allá de los límites de la Poética. *PHAOS*, Campinas, n. 5, p. 107-126, 2005. Disponível em:

<<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/phaos/article/view/3456/2916>>.

Acesso em: 30 set. 2013.

VELOSO, Cláudio W. *Aristóteles Mimético*. São Paulo: Discurso, 2004.

Recebido em: 1 out. 2013

Aceito em: 16 dez. 2013